

Artigo

Inconsciente: o que unifica e separa

The unconscious: what unites and separates

Ana Luiza Sabino dos Santos¹ e Andreza Vieira Garcia²

¹Formada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Psicóloga e psicanalista atuante, com foco em questões de sexualidade e gênero.

²Graduação em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau - João Pessoa (2022). Pós-graduação em Psicanálise clínica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP) (2023).

Resumo: O presente estudo trabalha o conceito de inconsciente a partir da articulação entre os aportes teóricos freudianos e lacanianos, enfatizando suas convergências, rupturas e implicações para a prática psicanalítica. Nesse ínterim, vamos caminhar de Freud, que vai conceber o inconsciente como instância organizada pelo retorno do recalcado, manifestando-se por meio de formações psíquicas como sonhos, atos falhos e sintomas, reguladas por mecanismos específicos, à Lacan que, ao retomar Freud, formula o inconsciente como estruturado como linguagem, orientado por operações significantes, e posteriormente o redefine como fenômeno marcado pela negatividade, pelo corte e pela temporalidade. Assim, o artigo destaca que a concepção de inconsciente não é apenas fundamento teórico, mas define o modo de operar da psicanálise.

Palavras-chave: Inconsciente. Psicanálise. Freud.

Abstract: This study explores the concept of the unconscious through the articulation between Freudian and Lacanian theoretical contributions, emphasizing their convergences, ruptures, and implications for psychoanalytic practice. In this context, we will move from Freud, who conceived of the unconscious as an instance organized by the return of the repressed, manifesting itself through psychic formations such as dreams, slips of the tongue, and symptoms, regulated by specific mechanisms, to Lacan, who, upon revisiting Freud, formulates the unconscious as structured like language, guided by signifying operations, and subsequently redefines it as a phenomenon marked by negativity, cuts, and temporality. Thus, the article highlights that the conception of the unconscious is not only a theoretical foundation but also defines the mode of operation of psychoanalysis.

Keywords: Unconscious. Psychoanalysis. Freud.

Introdução

A Este artigo se orienta pelo estudo das articulações entre as teorias de Freud e Lacan, relendo, mais especificamente, suas contribuições teóricas e postulações psicanalíticas acerca do conceito de inconsciente. Considerando o vasto arcabouço teórico de ambos os autores, busca-se aqui localizar intersecções e diferenciações em suas obras, procurando responder o que aproxima — e em que medida distancia — o inconsciente freudiano do inconsciente laciano.

Esse questionamento nos conduz à ideia de que o percurso teórico entre Freud e Lacan não se estabelece como uma continuidade inalterada. O retorno de Lacan a Freud não consiste em preservar o conceito tal como Freud o deixou, sem acréscimos ou deslocamentos. Surge então a indagação: ao reler Freud, Lacan apenas repete o que já estava formulado ou sua leitura introduz diferenças que reconfiguram o conceito de inconsciente? Ou seja, trata-se de uma repetição que produz diferença, uma reelaboração que abre novos desdobramentos teóricos (CASELLI, 2014).

Um bom ponto de partida é lembrar que o vocábulo “inconsciente” já circulava antes de Freud entre pensadores de sua época. Freud não inventa o termo, tampouco é o primeiro a empregá-lo nas ciências humanas. Como registra o Dicionário Etimológico de Antônio Geraldo da Cunha (2010), a palavra “inconsciente” surge em 1873, derivada do latim *inconsicius*. Antes de sua formulação metapsicológica por Freud, o termo já era utilizado em distintos campos do saber como a filosofia, psicologia, psiquiatria, literatura; com significados variados e nem sempre rigorosos. Gallegos (2012, p. 893) destaca, por exemplo, o filósofo alemão Theodor Lipps (1851–1947), figura influente na psicologia do final do século XIX, como um dos primeiros a empregar a noção de inconsciente em um sentido mais próximo daquele que Freud desenvolveria posteriormente. Suas obras *Fatos fundamentais da vida psíquica* e *O conceito de inconsciente na psicologia* (1896) aparecem, inclusive, referenciadas na bibliografia de *A Interpretação dos Sonhos*, o que indica que Freud conhecia esses escritos durante a elaboração de sua própria teoria do inconsciente.

Ainda assim, mesmo sendo anterior a Freud, o uso do termo estava distante do que ele viria a formular. “Inconsciente” era empregado muitas vezes apenas como adjetivo para aquilo que não era consciente, sem preocupação em examinar sua estrutura ou funcionamento. Por vezes, associava-se o inconsciente a algo misterioso, ligado à imaginação e à noite — um imaginário que Lacan, mais tarde, fará questão de diferenciar do inconsciente freudiano

(Lacan, 1964, p. 31). Naquele contexto, o prestígio intelectual recaía sobre tudo que pudesse demonstrar a

capacidade de consciência do indivíduo, alinhado ao célebre “penso, logo sou” cartesiano. Não havia espaço, dentro dessa lógica, para discutir um lugar onde “se não penso, não sou”. Assim, o inconsciente era relegado ao papel de resto, algo considerado secundário justamente porque o “baú do tesouro” teórico ainda estava centrado na consciência.

Diante desse percurso preliminar, torna-se possível situar a questão central deste trabalho: compreender de que modo Freud inaugura o inconsciente como conceito metapsicológico e como Lacan, ao retomá-lo, desloca sua estrutura e seu alcance clínico. É nesse diálogo — feito tanto de aproximações quanto de rupturas — que se inscreve a investigação que se segue. A partir desse ponto, passamos à fundamentação teórica, examinando primeiro o inconsciente em Freud para, em seguida, acompanhar as reformulações propostas por Lacan.

Método

O presente estudo constitui uma investigação teórico-conceitual baseada em análise textual e articulada de obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan, bem como de comentadores contemporâneos relevantes. A metodologia consistiu na leitura sistemática das formulações freudianas sobre o inconsciente, sobretudo aquelas presentes em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), *O Inconsciente* (1915) e *O Eu e o Id* (1923), articulando-as às etapas do ensino lacaniano, com ênfase nas formulações do inconsciente estruturado como linguagem e nas reformulações posteriores que o vinculam à negatividade, ao corte e à temporalidade. Não se trata de uma reconstrução histórica linear, mas de uma análise conceitual comparativa que busca identificar aproximações, divergências e desdobramentos clínicos entre ambas as teorias.

Noções preliminares

Freud (1915), ao justificar o conceito de inconsciente (*Unbewusste*), parte justamente dos limites da consciência. Ele destaca que a consciência apresenta inúmeras lacunas que permaneceriam desconhecidas caso insistíssemos na lógica de que todo ato mental precisa ser vivenciado conscientemente. A consciência, tomada pela tradição racionalista como o “baú do tesouro” da subjetividade, revela-se insuficiente para explicar a vida psíquica. Diante disso, Freud propõe o inconsciente não como complemento da consciência, mas como instância necessária para compreender processos que produzem efeitos sem se mostrarem ao sujeito.

Ainda assim, ele teme interpretações equivocadas que confundam o inconsciente com uma forma alternativa de consciência. Por isso, adverte (1915, p. 79) que não se trata de supor a existência de uma “consciência inconsciente”, mas de reconhecer “atos psíquicos privados de consciência”. O inconsciente, portanto, não é uma duplicação da consciência, mas um modo específico de funcionamento psíquico.

A psicanálise, depois de Freud, encontrou diversos leitores, dentre os quais Lacan se destaca por produzir uma teoria que não se limita ao prolongamento do pensamento freudiano. A conhecida frase “Lacan era freudiano”, embora verdadeira, é frequentemente usada para negar a especificidade da psicanálise lacaniana. De fato, como Lacan afirmou na conferência de Caracas, em 12 de julho de 1980, ele se reconhecia como leitor de Freud, mas isso não o impediu de marcar diferenças importantes, como quando critica a tópica freudiana e propõe sua própria leitura a partir do real, do simbólico e do imaginário, articulados pelo nó borromeano (Lacan, 1980).

A divergência fundamental entre Freud e Lacan, pertinente ao desenvolvimento deste artigo, diz respeito justamente ao estatuto do inconsciente. O conceito de inconsciente é o que sustenta o campo de operação da psicanálise; é a engrenagem central que dá consistência à clínica e à teoria. Além disso, é o ponto a partir do qual Lacan elaborará sua teoria do sujeito (Dunker, 2008). Garcia-Roza (2009, p. 169) ressalta a importância de distinguir o inconsciente freudiano da concepção racionalista vigente na época de Freud, justamente porque Freud o formula em oposição à ideia de uma vida psíquica plenamente transparente.

Freud (1915) enfatiza ainda que só é possível conhecer o inconsciente quando há uma transformação que o torne acessível à consciência. No inconsciente “só existem conteúdos catexizados”, isto é, investidos psiquicamente. Estruturalmente, o inconsciente é marcado pelo retorno: é composto por elementos recalçados, impedidos de se tornarem conscientes, mas que insistem em retornar. No capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud descreve o inconsciente como instância psíquica em oposição ao consciente, inaugurando a tópica freudiana e estabelecendo bases para toda a metapsicologia posterior.

Nesse livro inaugural, Freud demonstra que os sonhos são realizações de desejos recalçados. O conteúdo latente, ao tentar acessar a consciência, sofre deformações produzidas pela elaboração onírica, operação que transforma conteúdos latentes em conteúdos manifestos. É nesse contexto que ele apresenta os mecanismos fundamentais do sonho: deslocamento, condensação, figuração e elaboração secundária.

Dois desses mecanismos são essenciais ao nosso percurso. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud

explica que o deslocamento consiste no desvio de investimento de uma representação para outra, de tal forma que o conteúdo manifesto do sonho não se assemelha ao núcleo latente. A condensação, por sua vez, reduz a extensão do conteúdo latente, reunindo múltiplos elementos em uma única representação manifesta. Nos sonhos, uma imagem carrega traços de inúmeras outras, condensadas nela.

Freud (1923) retoma esses mecanismos ao discutir o recalçamento como modelo para compreender o inconsciente. Ele destaca que tais operações não se limitam ao campo onírico: chistes, atos falhos e sintomas também são produtos do retorno de elementos barrados, que emergem deformados. Já em 1900, Freud indicava que a censura entre os sistemas psíquicos organizava esse processo. Ao formular o aparelho psíquico, evidenciando a existência de um sistema inconsciente cujos investimentos são inibidos e censurados pelo pré-consciente/consciente, Freud indica que a via de acesso ao inconsciente é necessariamente marcada pelo recalçamento.

Como observa Dunker (2008), não há inconsciente freudiano sem a presença de algum tipo de retorno. O retorno do recalçado não é apenas um fenômeno clínico, mas a própria lógica de funcionamento do inconsciente. Essa insistência — sempre deslocada, condensada ou deformada — é o que define o modo de existência do inconsciente em Freud.

O inconsciente estruturado como linguagem

A primeira abordagem lacaniana do inconsciente dialoga diretamente com o inconsciente freudiano descrito em *A Interpretação dos Sonhos*. No início de seu ensino, Lacan estava inserido no contexto estruturalista francês, especialmente nas teorias linguísticas de Saussure. Não surpreende, portanto, que formule o inconsciente como estruturado tal como uma linguagem, entendido como uma cadeia de significantes regida pela lógica simbólica.

Ao retornar a Freud, Lacan reafirma que a psicanálise é possível porque o sujeito fala e porque algo escapa no dizer. Seu objetivo não é afastar a psicanálise do sujeito falante, mas recolocar a prática clínica no terreno onde ela sempre esteve: o da linguagem. A afirmação de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” revela que o inconsciente não é uma substância misteriosa, mas uma articulação significativa, efeito da ordem simbólica.

Para fundamentar essa tese, Lacan retoma a noção de significante, lembrando que a unidade mínima da linguagem não é o significado, mas a articulação entre significantes. Ele evidencia que essa estrutura já estava presente em Freud: os mecanismos de deslocamento e condensação são equivalentes, respectivamente, às operações linguísticas de metonímia e metáfora.

Na metáfora, um significante substitui outro, produzindo novo sentido. A condensação descrita por Freud em 1900 é um mecanismo metafórico, que reúne elementos distintos sob uma única representação. A metonímia, por sua vez, é o deslocamento do investimento, a nomeação por meio de outro significante, operação que Freud havia descrito como deslocamento. Lacan (1957a/1998, p. 510) trata a metonímia como base da metáfora:

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significativa, enquanto o oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. (Lacan, 1957a/1998, p. 510).

Assim, os mecanismos freudianos de composição do sonho reaparecem como “leis do significante”: condensação/metáfora e deslocamento/metonímia. O inconsciente, estruturado como linguagem, não é “feito de palavras”, mas só pode emergir no campo da fala, revelando-se sempre em formas distorcidas, deslocadas, transpostas.

Da linguagem à negatividade: o inconsciente como hiância

A partir de 1962–1964, Lacan reconhece que sua formulação anterior — “o inconsciente é estruturado como linguagem” — já não era suficiente para dar conta do que começava a se evidenciar na clínica. No Seminário 11, afirma que o inconsciente “é outra coisa” (Lacan, 1964, p. 26). Embora a linguagem permaneça central, Lacan desloca o inconsciente para um ponto em que o simbólico não alcança: a hiância.

Lacan nota que as formações do inconsciente não se apresentam apenas como operações linguísticas, mas como falhas: tropeços, rachaduras, descontinuidades (Lacan, 1964, p. 32). O inconsciente passa a ser pensado a partir do que não se realiza completamente. Ele opera no intervalo, na fissura, no ponto onde o dizer se interrompe ou se torce. Isso não contradiz Freud, mas aprofunda uma dimensão já sugerida pelo retorno do recalçado.

Apoiado no termo alemão *Unbewusste*, Lacan destaca o prefixo *Un*, que introduz a categoria de negatividade. O inconsciente não é o simples “não-consciente”, não é o negativo de uma consciência plena; é o conceito da falta (Lacan, 1964, p. 33). Dessa negatividade deriva a afirmação de que o inconsciente é ético, e não ôntico (p. 37), pois não diz respeito ao ser ou à realização plena, mas ao que não se escreve, ao que fracassa, ao que insiste sem se completar. Como aponta Dunker (2008), é nessa acentuação do *Un* que surgem ganhos teóricos para a concepção lacaniana de sujeito: ele aparece justamente onde há negação e divisão.

A distinção entre o inconsciente freudiano e o lacaniano passa por esse deslocamento: onde Freud pensava a dinâmica do retorno, Lacan introduz uma tópica marcada por hiância e negatividade. O inconsciente deixa de ser apenas dinâmico e passa também a ser estrutural, no sentido de que opera por cortes, intervalos e falhas constituintes.

Sujeito, corte e tempo lógico

O inconsciente lacaniano, entendido como aquilo que esvai, exige uma estrutura temporal. Para Lacan (1964), o inconsciente é aquilo que se abre e se fecha; quando retorna, nunca retorna da mesma forma. Há uma atualização constante — e é justamente por isso que o inconsciente não atinge completude. A relação entre inconsciente e sujeito depende diretamente dessa lógica temporal.

A função do corte ganha centralidade nesse contexto. O sujeito é efeito da articulação significativa, mas também produto daquilo que não se escreve, da operação negativa que o constitui. O inconsciente, em seu movimento de abertura e fechamento, participa da divisão subjetiva, pois o sujeito aparece na falha, na fissura, no que escapa ao saber. Lacan (1964, p. 49) sustenta essa divisão vinculada ao significativo.

O inconsciente, portanto, não é apenas linguagem: é também o tropeço, o desfalecer, a rachadura. Como escreve Lacan (1964, p. 32):

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar — algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado. (p. 32)”

É nesse ponto que a clínica se transforma. Não se trata mais apenas de decifrar uma rede de significantes, mas de acompanhar o acontecimento do inconsciente, seu modo de atualização. O inconsciente enquanto linguagem exige leitura da diacronia e sincronia dos significantes. Já o inconsciente ligado ao real exige leitura do corte, da negatividade, daquilo que insiste em não se escrever.

A distinção entre estrutura clínica e constituição do sujeito torna-se essencial. Dunker (2006) indica que a diagnóstica psicanalítica é mais ampla do que o diagnóstico estrutural clássico. As estruturas clínicas, que desde Freud foram fundamentais para o diagnóstico diferencial, baseiam-se em modos de negação específicos do real. No entanto, o sujeito não pode ser reduzido à estrutura, pois há sempre algo que excede o simbólico-imaginário, algo que ex-siste.

Assim, enquanto a estrutura se fixa em uma formação simbólico-imaginária que se estabiliza em determinado ponto, o sujeito permanece em constituição, ligado ao real pelo furo, pelo que não cessa de não se escrever. O inconsciente, como conceito, dirige a forma de conceber a clínica: definir o que se entende por inconsciente implica definir como se escuta, como se interpreta e como se orienta uma análise.

Considerações finais

A obra de Freud impressiona não apenas pela amplitude das questões que inaugura e pelos aportes conceituais que apresenta, mas também pela forma duradoura com que estabelece fundamentos para pensar o funcionamento da linguagem. É a partir desse legado que se torna possível reconhecer um diálogo estrutural profundo entre seus escritos e os de Lacan, especialmente quando observamos o capítulo VI de *A Interpretação dos Sonhos*, onde Freud delineia operações de condensação e deslocamento e que, décadas mais tarde, seriam formalizadas pela linguística estrutural. Não é fortuito que Lacan tenha afirmado que Freud praticava uma espécie de linguística *avant la lettre*.

Entretanto, o retorno de Lacan a Freud não se limita a uma leitura continuísta. Ao mesmo tempo em que reconhece as intuições freudianas sobre o funcionamento do inconsciente, Lacan desloca o conceito para territórios que Freud não percorreu. Se para Freud o inconsciente é marcado pelo retorno do recalado, para Lacan ele se articula, em um primeiro momento, à estrutura da linguagem, e em um segundo momento à hiância, ao tropeço, à negatividade que funda o sujeito.

Assim, embora Freud e Lacan compartilhem o interesse pela estrutura, pelo equívoco e pelo que escapa ao consciente, seus conceitos de inconsciente não são equivalentes. Freud inaugura uma lógica do retorno; Lacan introduz uma lógica da falta. Freud trabalha com a dinâmica do recalque; Lacan a reinscreve em uma teoria da divisão subjetiva, articulada à temporalidade e ao corte. Ambos, cada um à sua maneira, concebem o inconsciente como algo que opera fora do campo da consciência, mas apenas Lacan localiza esse funcionamento na própria impossibilidade de saturação do sentido.

Portanto, o diálogo entre Freud e Lacan não se reduz à continuidade ou ruptura, mas revela uma relação de desdobramento. Lacan não contradiz Freud: ele o amplia, o tensiona e o relê a partir das condições teóricas e clínicas de seu tempo. O inconsciente lacaniano não anula o freudiano; ele o reinscreve, produzindo uma diferença que não é pura oposição, mas um deslocamento conceitual que expande o alcance da psicanálise.

Desse modo, compreender as aproximações e diferenças entre Freud e Lacan não é apenas um exercício

histórico, mas uma tarefa indispensável para pensar a clínica contemporânea. Afinal, o modo como se define o inconsciente determina o modo como se escuta, se interpreta e se concebe o sujeito. É nesse ponto — no entrelaçamento entre teoria e prática — que reside a atualidade do debate aqui apresentado.

Referências

- CASELLI, F. R. B. Inconsciente e linguagem: Uma leitura de Freud a Lacan. 2014. 144 pg. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2014.
- CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DUNKER, C. I. L. Estruturas clínicas e constituição do sujeito. In: BERNARDINO, Leda Fischer (org.). O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição. São Paulo: Escuta, 2006. p. 121-140.
- DUNKER, C. I. L. Um retorno a Freud. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 107-122.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1900).
- FREUD, S. O inconsciente. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-74. (Obra original publicada em 1915).
- FREUD, S. O ego e o id. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 11-23. (Obra original publicada em 1923).
- GALLEGOS, M. A noção de inconsciente em Freud: antecedentes históricos e elaborações teóricas. Rev. latinoam. psicopatol. fundam. v. 15 n. 4, dez, 2012.
- GARCIA-ROZA, L. A. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LACAN, J. O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. (Seminário de 1964).
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-536. (Obra original publicada em 1957).
- LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 591-652. (Obra original publicada em 1958).
- LACAN, J. Posição do inconsciente. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 843-864. (Obra original publicada em 1960).
- LACAN, J. O seminário, livro 29: A dissolução. Inédito, 1980.